



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA- CAMPUS SÃO BORJA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

ÂMELA SILVEIRA DA SILVEIRA

**BOLSONARISMO E PÓS-POLÍTICA: AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018
SOB UMA ÓTICA CRÍTICA**

**São Borja
2023**

ÂMELA SILVEIRA DA SILVEIRA

**BOLSONARISMO E PÓS-POLÍTICA: AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018
SOB UMA ÓTICA CRÍTICA**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Monique Soares Vieira

**São Borja
2023**

ÂMELA SILVEIRA DA SILVEIRA

**BOLSONARISMO E PÓS-POLÍTICA: as eleições presidenciais de 2018 sob uma
ótica crítica.**

Trabalho de Conclusão de
Curso de Serviço Social da
Universidade Federal do
Pampa. Requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel
em Serviço Social.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13 de julho de 2023.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Monique Soares Vieira

Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Roberto Barboza Castanho

(UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Solange Emilene Berwig

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MONIQUE SOARES VIEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/07/2023, às 18:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ROBERTO BARBOZA CASTANHO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/07/2023, às 18:15, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SOLANGE EMILENE BERWIG, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/07/2023, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1171822** e o código CRC **442A6FC5**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S587b Silveira, Âmela Silveira da
Bolsonarismo e pós-política: as eleições presidenciais de 2018 sob uma ótica crítica /
Âmela Silveira da Silveira.
36 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade Federal do Pampa,
SERVIÇO SOCIAL, 2023.

"Orientação: Monique Soares Vieira".

1. Pós-política. 2. Bolsonarismo. 3. Eleições 2018. 4. Despolitização. 5. Democracia. I.
Título.

BOLSONARISMO E PÓS-POLÍTICA: AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 SOB UMA ÓTICA CRÍTICA

BOLSONARISM AND POST-POLITICS: THE 2018 PRESIDENTIAL ELECTION FROM A CRITICAL PERSPECTIVE

RESUMO: O artigo foi concebido enquanto Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), referente ao curso de Serviço Social. Tem como objetivo geral apreender o papel que a despolitização advinda da pós-política desempenhou na instauração do bolsonarismo na eleição presidencial de 2018, a fim de contribuir com subsídios teórico-práticos que possibilitem uma análise crítica da conjuntura sociopolítica brasileira. Com o objetivo de apresentar um contraponto na mitigação dos avanços do neoliberalismo ultrarreacionário no Brasil e no mundo. A pesquisa teve como base a pesquisa qualitativa de caráter exploratório e foi baseada no método materialista histórico-dialético. A técnica utilizada para a coleta de dados foi a pesquisa documental. A amostragem empregada foi a não probabilística do tipo intencional e o tipo de análise de dados escolhida foi a Análise Crítica do Discurso (ACD). A utilização da pós-política é atenuada a partir de uma perspectiva despolitizada da conjuntura sociopolítica brasileira, esta derivada das Jornadas de Junho de 2013, sua utilização é permeada de contradições. Os dados levantados evidenciam o enorme impacto da pós-política nas eleições presidenciais de 2018. Também abarcou o processo de desmocratização do Brasil com a instauração do bolsonarismo, partindo da cooptação da sociedade brasileira pelos preceitos pós-políticos e despolitizados nas eleições de 2018. Para além disso, foi possível observar como a pós-política continuou a se desenhar de forma abrangente no pleito eleitoral de 2022. Os resultados ainda trazem entre diversas questões o uso do tecnicismo, da moralização da corrupção e da política. Assim como a cooptação do discurso pós-político pela sociedade brasileira por meio do sentimento de legitimação do discurso inflamado do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro e das fakes news difundidas pelo mesmo durante a corrida presidencial de 2018.

Palavras-chave: Bolsonarismo; Democracia; Despolitização; Eleições 2018; Pós-política.

Abstract: The article was conceived as a Course Conclusion Paper (TCC), referring to the Social Work course. Its general objective is to understand the role that depoliticization arising from post-politics played in the establishment of Bolsonarism in the 2018 presidential election, in order to contribute with theoretical and practical subsidies that allow a critical analysis of the Brazilian sociopolitical conjuncture. Aiming to present a counterpoint in mitigating the advances of ultra-reactionary neoliberalism in Brazil and the world. The research was based on qualitative research of exploratory character and was based on the critical dialectic method. The technique used for data collection was documentary research. The sampling employed was the non-probabilistic of the intentional type and the type of data analysis chosen was Critical Discourse Analysis (CDA). Being that the use of post-politics is attenuated from a depoliticized perspective of the Brazilian sociopolitical conjuncture derived from the June 2013 protests in Brazil, its use is permeated with contradictions. The data surveyed highlights the enormous impact of post-politics on the 2018 presidential election. It also encompassed the process of desmocratization of Brazil with the establishment of Bolsonarism starting from the cooptation of Brazilian society by post-politics and depoliticized precepts in the 2018 elections. Furthermore, it was possible to observe how the post-politics continued to draw itself comprehensively in the 2022 election. The results still

bring, among several issues, the use of technicality, moralization of corruption and of politics as well as the co-option of the post-political discourse by Brazilian society through the sense of legitimization of the inflammatory discourse of ex-President Jair Messias Bolsonaro and of the fake news spread by him during the 2018 presidential race.

Keywords: Bolsonarism; Democracy; Depoliticization; 2018 Elections; Post-politics.

1. INTRODUÇÃO

Este presente trabalho tem como objetivo apreender o papel que a despoliticização advinda da pós-política desempenhou na instauração do bolsonarismo na eleição presidencial de 2018, a fim de contribuir com subsídios teórico-práticos que possibilitem uma análise crítica da conjuntura sociopolítica brasileira. Para tanto, os objetivos específicos buscaram elucidar de que modo a pós-política se fazia presente entre as táticas de campanha presidencial do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, conceber quais elementos da pós-política foram utilizados em seu governo até as eleições de 2022 e identificar as nuances de cooptação pós-política pela sociedade brasileira nas eleições presidenciais de 2018.

Quando se trata da pesquisa no Serviço Social, é necessário ter em mente que ela não se constitui como mero ato de ler dados ou vislumbrar as expressões da Questão Social provenientes do modo de produção vigente. Na verdade, esta também se dá como uma força motriz para a compreensão e leitura da sociedade de forma crítica e dialética, com o intuito de compreender em sua totalidade o mundo que a rodeia, como trás Silva *et al.* (2018, p.12):

A pesquisa e o conhecimento da realidade foram fundamentais para que o Serviço Social se consolidasse como área de conhecimento e como uma nova competência sociopolítica e teórico-instrumental, no sentido de apreender o movimento da realidade.

O ato de pesquisar trás intrínseco a sua constituição a capacidade de gerar alicerces que possibilitem uma melhoria na vivência social em seus diversos âmbitos, no caso do Serviço Social não é diferente. Assim sendo, a pesquisa nessa área específica das ciências sociais aplicadas é de suma importância para a criação e desenvolvimento de novos conhecimentos.

É importante pontuar que o ato de pesquisar no Serviço Social visa de alguma forma instigar a sociedade a fim de transformá-la, assim como o próprio pesquisador e a toda categoria profissional. Afinal para Demo (2011, p.83) “É patente a relevância da educação e da pesquisa para o processo emancipatório. Ressaltando aqui principalmente a face do

confronto da pobreza política [...]”, sendo o processo emancipatório tão caro aos assistentes sociais, afinal a categoria profissional busca a emancipação humana da classe trabalhadora.

Em consequência, quando a pesquisa é voltada para compreender as nuances e problemáticas que envolveram as eleições de 2018 no Brasil, em específico do papel da despolitização advinda da pós-política na mesma, há a possibilidade de efetivação da pesquisa enquanto fator de apreensão da realidade, se fazendo presente no processo de busca por mudança social. Sendo a pós-política uma forma característica de despolitização que engendra em sua manifestação diversas consequências nocivas ao campo democrático, traz consigo a necessidade de uma visão mais criteriosa e detalhada.

Dessa forma, é contundente destrinchar de forma crítica a conjuntura sociopolítica do país, como uma tentativa de buscar subsídios para não embarcar futuramente pelos mesmos rumos tortuosos e antidemocráticos derradeiros, como os vivenciados no desgoverno de Bolsonaro. Partindo do princípio de que esse movimento se dá com a intenção de auxiliar no fortalecimento da democracia brasileira e na promoção dos direitos políticos no país.

É imprescindível trazer, que a temática de pesquisa aqui retratada, mesmo tendo um papel importante para a profissão, não vem sendo muito discutida ou publicada pela categoria profissional, dando margem à necessidade de desenvolvê-la. De modo, que possa gerar conhecimentos que visem auxiliar no preenchimento da enorme lacuna, tanto a respeito da categoria da pós-política na sociedade, quanto principalmente da mesma na campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2018.

O corpo do artigo conta com sete itens de estruturação, o item de número um sendo a introdução, o número dois a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa; já o item três contextualiza as jornadas de junho de 2013; no item de número quatro é elucidado o modo com que a pós-política se fazia presente entre as táticas de campanha presidencial do ex-presidente Bolsonaro e quanto ao item de número cinco, este tem em sua constituição a forma com que a pós-política enquanto tática eleitoral cooptou a sociedade brasileira, de modo a auxiliar no processo de desmonte da democracia através da instauração do bolsonarismo no Brasil a partir das eleições de 2018.

Na sequência, tendo o item estrutural de número seis, que trás em sua constituição os elementos da pós-política que continuaram sendo utilizados no governo Bolsonaro até as eleições de 2022. Por fim, há as considerações finais, trazendo o diálogo a respeito dos tópicos elencados ao longo do artigo, seguidas pelas referências utilizadas para o desenvolvimento textual.

2. METODOLOGIA

Tendo em vista atender devidamente aos objetivos da pesquisa, o tipo de pesquisa utilizado fora à pesquisa qualitativa de caráter exploratório. A pesquisa qualitativa sendo a opção mais viável, pois “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações.” (MINAYO *et al*, 2002, p. 21-22) o que trouxe um caráter mais relevante e completo à pesquisa, pois para entender a conjuntura sociopolítica nas eleições presidenciais de 2018, é preciso desvendar a sociedade a partir de um meio mais complexo que apenas números e estatísticas.

Já a pesquisa exploratória “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p.41), condizente dessa forma com os aspectos únicos da temática abordada. Partindo da compressão que na procura por leituras que auxiliassem no desenvolvimento da pesquisa, tornou-se evidente uma lacuna nos arcabouços teóricos disponíveis.

A pesquisa se baseou no método materialista histórico-dialético, partindo de três categorias centrais e intimamente interligadas, a historicidade, a totalidade e a contradição que ajudaram a entender a realidade partindo dos pressupostos do método de Marx. Para que os fenômenos pudessem ser estudados e entendidos em sua totalidade, foram necessárias sucessivas aproximações, por meio da leitura contínua de livros pertinentes à temática e nas análises das reportagens utilizadas no processo de levantamento de dados para a pesquisa.

Assim, para a compreensão do papel da despolitização causado pela pós-política na eleição do ex-presidente, fora necessário utilizar da historicidade para destrinchar as contradições que se apresentaram, assim como para compreender as nuances da sociedade brasileira, em particular da eleição de 2018 e do mandato do agora ex-presidente Bolsonaro. O que possibilitou buscar uma apreensão da totalidade existente, que partiu da realidade concreta, a fim de responder os questionamentos elencados no projeto de pesquisa.

Por tanto, a utilização do método materialista histórico-dialético estava intimamente atrelado ao desenvolvimento da pesquisa quando compreendida as categorias centrais do mesmo, afinal, desde o processo de escolha do tema, até a própria escrita do artigo se utilizaram dessas categorias para serem conduzidas e exemplificadas.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a pesquisa documental que “[...] caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico [...]”. (SÁ-SILVA *et al*. apud OLIVEIRA, 2009, p. 6). Visto que para

compreender o papel da pós-política nas eleições de 2018, foi necessário um conhecimento contextualizado da conjuntura brasileira e esse tipo de pesquisa trouxe subsídios para tal, afinal como traz Sá-Silva *et al.* (2009):

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. (SÁ-SILVA *et al.*, 2009, p.02).

Foi utilizada a amostragem que melhor atendia aos objetivos da pesquisa, a amostragem não probabilística do tipo intencional, que não envolve formas matemáticas, pois há a necessidade de ir além de números para chegar a uma maior riqueza dos dados, afinal volume é uma quantidade de dados; riqueza significa camadas intrincadas, detalhadas, nuançadas e mais (MINAYO, 2017, p.6) e atendeu aos seguintes critérios:

Quadro 1: Critérios da amostra documental

Tipo de Produção	Reportagens Jornalísticas escritas
Parâmetro Temporal	2018 a 2022
Parâmetro Linguístico	Língua Portuguesa (BR)
Forma de Acesso	Reportagens disponíveis na internet e de forma gratuita
Descritores	Fake News; Bolsonaro; Antipetismo; PT; Petismo; Terceira Via; Mito; Messias; Eleições 2018; Propostas dos Candidatos; Corrupção; Anticomunismo; Movimentos Sociais; Reivindicações; Direita; Esquerda, Centro; Inimigos; Comunismo; Cidadão de Bem; Populismo; Antissistema; Messianismo; Conservadorismo Reacionário; Tecnocrata; Democracia; Antidemocrático; Bancada Evangélica; Bancada Religiosa; Frente Evangélica; Evangélico; Ultraconservadorismo; Anticorrupção; Discurso de ódio.

Fonte: Sistematização da autora, 2023.

O tipo de análise de dados escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi à Análise Crítica do Discurso (ACD), tendo em vista que ela se apresenta como “um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político” (DIJK, 2018, p.113). Tornando-se assim, um valioso recurso no levantamento e na análise crítica das reportagens e dos conteúdos complexos presentes na pesquisa.

Tendo uma contribuição não apenas para o estudo do tema deste artigo, mas também estando em consonância com a visão crítica que deve ser intrínseca ao fazer profissional e no discurso dos trabalhadores do campo do Serviço Social. Afinal, o discurso de pessoas do meio político, como o ex-presidente Bolsonaro, também reproduzem e naturalizam desigualdades sociais e econômicas, racismo, opressão, entre tantas outras questões importantes que devem ser entendidas e combatidas.

Em consequência, torna a análise crítica do discurso necessária para compreender as nuances e em como essas expressões da Questão Social se apresentam no discurso. De forma que, uma análise crítica de como representantes usam sua voz e seu poder é de extrema importância para combater iniquidades sociais, a despolitização na sociedade e por fim, o avanço do neoliberalismo ultrarreacionário em nosso país e no mundo.

Por fim, é imprescindível trazer que o processo de pesquisa teve inerente a sua constituição o respeito aos pressupostos, tais como: atendimento aos dispositivos da Lei do Plágio nº 9.610/98 e da Resolução 510/2016 do CONEP. Tendo em vista a rigorosidade científica estipulada, respeitou com integridade as informações e documentos analisados, com o intuito de trazer contribuições concisas e válidas.

3. JORNADAS DE JUNHO: Um tsunami despolitizador e pós-político

Para iniciar a discussão é necessária uma pequena contextualização sociopolítica para que seja possível buscar compreender o que e como, se tornou possível o resultado das eleições do ano de 2018. Trará sobre o que ficou conhecido como Jornadas de Junho do ano de 2013 e as consequências que decorreram desse “evento”, que reverberaram na sociedade brasileira como um tsunami despolitizador e pós-político.

Sendo imprescindível trazer, que quando se trata das Jornadas de Junho, há diversas visões e compreensões a respeito da temática, deixando dessa forma, margem para questionamentos e reflexões por parte, não só da comunidade acadêmica e pessoas do campo da política, mas da sociedade como um todo.

Para além, como o nome remete, as jornadas de junho aconteceram no mês de junho de 2013, mas o que torna passível de questionamento é sobre o que tange o emprego da palavra “evento”. Que vem sendo utilizada por muitos, principalmente, por parte da esquerda, para se referir às ações de junho de 2013 e que deve ser pleiteada aqui, de forma breve, como uma reflexão. Afinal, evento seria um tipo de ruptura que traria como consequência a mudança na forma como algo é entendido (FERNANDES, 2019).

Podendo-se assim, partir do princípio de que este não seria o caso da referida *jornada de junho*, pois se configurou enquanto um movimento que acabou por ser fomentado pela democracia liberal hegemônica e despolitizada, que cooptou e transformou as possibilidades de mudanças reais do movimento, em uma insurreição da pós-política e da ultrapolítica no país.

É preciso ter em mente, que o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, então governo da época, se constituía enquanto um partido de esquerda moderada, que ao invés de instigar o poder popular embarcou no invólucro da democracia liberal (FERNANDES, 2019). Assim, abrindo concessões aos interesses do mercado, visando uma política de conciliação, a fim de se manter no poder.

Um bom exemplo para simplificar essa característica moderadora do governo Dilma foi a tentativa de ampliação do sistema mapeador, a Central de Risco de Crédito do Banco Central durante seu primeiro mandato (2010-2014), que passou “a englobar operações de R\$ 1 mil em diante.” (MARTELLO, 2012, *on-line*).

Essa ação visava baixar as taxas de juros de empréstimos para os brasileiros, ao mesmo tempo dando maior suporte aos bancos para prever futuros calotes e inadimplências. Esta ideia fora desenvolvida, a fim de focar na diminuição do *spread* bancário¹ altíssimo dos anos anteriores (MARTELLO, 2012, *on-line*), sem afetar terminantemente a obtenção de lucros pelos bancos, pois estes estariam mais seguros.

Para Carnoy (1988, p. 95) “A hegemonia não é uma força coesiva. Ela é plena de contradições e sujeita ao conflito” e do adendo que para Marx e Engels, quando se fala em hegemonia no capitalismo, também se fala nas constantes transformações nas relações sociais, partindo da relação de poder por parte da classe dominante para com o resto da sociedade, como é possível observar no trecho a seguir:

A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção e, com elas, todo o conjunto de relações sociais. A conservação do velho modo de produção numa forma inalterada era, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. O revolucionamento constante da produção, a perturbação ininterrupta de todas as condições sociais, a incerteza e agitação contínuas distinguem a época burguesa de todas as anteriores. Todas as relações fixadas e enferrujadas, com sua série de antigos e veneráveis preconceitos e opiniões, são varridas, e todas as novas formações se tornam antiquadas antes que possam se solidificar. Tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado e o homem é obrigado por fim a encarar com

¹ O *spread* bancário seria a diferença entre os juros quando o banco fornece um empréstimo e quando acabam por fazer um investimento no mesmo, seja se tratando de pessoas físicas ou jurídicas. Ou seja, em outras palavras, é a diferença entre o que o banco empresta e o que ele capitaliza.

serenidade suas condições reais de vida e suas relações com seus semelhantes. (MARX; ENGELS, 2017, p.19).

Assim a hegemonia até então posta na conjuntura brasileira de 2013, se transformou em uma crise de hegemonia neoliberal, que se dá por consequência de uma falta de identificação e representação das massas pelos partidos que estão no poder, dando margem para a despolitização (FERNANDES, 2019).

Logo, o que começou como uma reivindicação legítima por direitos, sendo a reivindicação do preço da passagem de ônibus, transformou-se em um processo de cooptação do movimento por parte da classe hegemônica descontente com um governo de esquerda, mesmo que este tenha se imposto no jogo político enquanto moderado e conciliador.

Um exemplo claro disso foi a presença e cooptação das Jornadas de Junho pelo Movimento Brasil Livre (MBL) - movimento político de caráter liberal e anti-Dilma que tem como um dos seus cofundadores e líderes, Kim Katiguiri -. Em consequência disso, Katiguiri obteve notoriedade e se tornou um dos jovens mais influentes do mundo, com capacidade de impulsionar notícias no ano de 2015 pela revista Time (2015), e atualmente eleito pelo segundo mandato consecutivo como deputado federal do estado de São Paulo pelo partido de direita, União Brasil (G1, 2022).

No entanto, é preciso enfatizar que a classe trabalhadora não detém os mesmos interesses que a classe burguesa e o mercado, tornando a luta de classes um fator extremamente crucial nos acontecimentos referentes às jornadas de junho. Para além, Marx e Engels (2006, p.72) trazem que:

Ademais é preciso considerar que para além de classe hegemônica, a mesma sendo detentora dos meios de produção material e espiritual, cooptar os valores morais, culturais e sociais, esta é capaz de dominar os indivíduos em toda a sua extensão, nisso inclui-se o campo das ideias, de modo que suas ideias são as ideias dominantes da época que vivenciam.

O projeto para manutenção do *status quo* se traduz não apenas como um processo de desapropriação dos meios de produção; nem de ter desconvertido o vislumbre da subjetividade do trabalhador na mercadoria final que este produz ou os valores vigentes na sociedade. Mas também, na conversão e dominação das ideias e pensamentos da época em que se encontram, mesmo que os sujeitos não o percebam, tornando iminente a presença da despolitização e da pós-política na sociedade brasileira como uma consequência da presença das ideias despolitizadas e despolitizantes da classe dominante, que procura promover sua ideologia a fim de se manter no poder.

Em outras palavras, no início das manifestações, fora reivindicado o direito a uma passagem mais barata, em prol da revogação dos 20 centavos acrescidos no valor da passagem. Tais manifestações foram nomeadas como Movimento Passe Livre (MPL). Nesse primeiro momento, não era esperado a adesão de milhares de pessoas como ocorreu e nem a cooptação feita a seguir de um movimento, até então legítimo visando direitos, pela classe hegemônica neoliberal. Tanto que mesmo após a redução das tarifas, as manifestações continuaram aumentando, agora já clamando por outras motivações, como por mudanças na estrutura política:

Novas reivindicações: no dia 20 ocorrem as maiores manifestações de junho de 2013. Mais de 1,25 milhão de pessoas participam de atos em mais de 100 cidades brasileiras mesmo após a redução das tarifas. Nas vozes e nos cartazes, pedidos por um transporte público mais barato agora dividem espaço a pautas diversas. Multiplicam-se demandas por saúde, educação, segurança, combate à corrupção e um sistema político mais acessível à sociedade. (ODILLA, 2018, *on-line*).

É pertinente dizer que reivindicações de cunho social, que visam uma movimentação contra hegemônica, tendem a ser vistas como um transtorno a ser combatido pelo Estado e seus aparelhos coercitivos. Assim como, por exemplo, parte da própria mídia e políticos atrelados a uma visão classista que tem a propensão de utilizar do seu poder em defesa dos interesses burgueses, partilham do mesmo raciocínio.

Por tanto, nesse sentido, o Movimento Passe Livre (MPL) teve em seu surgimento, uma tentativa das classes subalternas, em buscar autonomia e direitos o que derivou primeiramente em uma repressão por parte da polícia e pela mídia. Sendo importante lembrar, que esse seria o papel do Estado para Liguori e Voza (2009, p.06) nesse processo, pois:

[...] o Estado constitui também o terreno do conflito de classe, é, ao mesmo tempo, instrumento (de uma classe), mas também lugar (de luta hegemônica) e processo (de unificação das classes dirigentes). Isto é, não deve ser esquecido que, sendo o Estado integral atravessado pela luta de hegemonia, a classe subalterna luta para manter a própria autonomia e, às vezes, para construir uma própria hegemonia, alternativa àquela dominante, disputando com a classe no poder as “trincheiras” e “casamatas” pelas quais se propagam ideologia e senso comum.

Há também, uma característica única intrínseca às Jornadas de Junho, elas se desenvolveram e tomaram proporções gigantescas de uma forma extremamente rápida, cooptando dessa forma mais de uma ideologia e trazendo à tona reivindicações diversas, entre elas uma bandeira contra a corrupção e contra o governo, um pedido por mais educação e por mais saúde e, uma revolta contra o país sediar a Copa do Mundo de futebol em 2014. Não mais tendo o foco na problemática do alto custo da passagem de ônibus, mas sim um

esvaziamento de sentido tornando seu intuito difuso (DE MELO; VAZ, 2018). À vista disso, de Melo e Vaz (2018, on-line) ainda trazem que:

[...] a primeira manifestação ocorreu no dia 6 de junho, na cidade de São Paulo, e contou com cerca de 2 mil pessoas; em 13 de junho, no quarto ato, houve manifestações fortemente reprimidas pela polícia nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, ambas com pouco mais de 20 mil manifestantes; no dia 20, duas semanas desde o primeiro protesto, em atos já não mais convocados pelo MPL, que iniciara a luta contra o aumento das passagens de ônibus, ocorreram manifestações em mais de cem cidades por todo o país, sendo que ao menos em 4 capitais os atos contaram com mais de 100 mil pessoas. Em duas semanas, portanto, o total de manifestantes foi multiplicado por mil, pois mais de 2 milhões foram às ruas no dia 20.

Partindo da visão de Melo e Vaz (2018), é possível separar os acontecimentos das Jornadas de Junho a partir das datas elencadas anteriormente. Sendo o primeiro momento o de início, situado entre os dias 6 e 13 de junho de 2013, onde houve as repressões policiais e midiáticas. Nessa fase, havia poucas pessoas nas ruas reivindicando o passe livre e a diminuição da tarifa de ônibus, que cumpriram com seu propósito estabelecido até então, pois o preço da passagem foi reduzido nos dias que se seguiram.

Porém, a partir da segunda fase, entre os dias 14 e 16 de junho de 2013, há uma mudança na estrutura do movimento e na cobertura da mídia, que tornaram os protestantes em vítimas da ação policial e traz a pauta da corrupção como temática pertencente às reivindicações efetuadas pelos sujeitos pertencentes ao Movimento Passe Livre, o que não era verdade até então.

Quando se foca apenas na mudança no discurso dos meios de comunicação durante a cobertura do movimento é possível identificar a mídia como um aparelho hegemônico (CARNOY, 1988). Vislumbra-se na conjuntura sociopolítica vigente a possibilidade transicional de um governo moderado para um que protegesse de forma mais ampla seus interesses. Transformando os protestantes que agora trazem uma bandeira antigoverno, de baderneiros para vítimas da repressão policial.

Nesse momento, há o início do esvaziamento da identidade das Jornadas de Junho, que começam a trazer a corrupção como o grande problema da sociedade brasileira, com um caráter moralizador e despolitizador. A corrupção ao ser abordada de forma moralizatória pela democracia liberal, transforma-se em um problema moral e dualizado, não mais político e econômico. Dando assim, vazão a visão pós-política que cria falsas dicotomias na sociedade (FERNANDES, 2019).

Já a terceira fase, trazida por de Melo e Vaz (2018), compreendeu o período entre os dias 17 e dia 20 de junho, onde os protestos teriam se espalhado pelo país, tornando-se de

nível nacional. Tendo como consequência um maior número de manifestantes e de pautas, que já não mais compartilhavam do foco inicial. Para de Melo e Vaz (2018, *on-line*), “o MPL perde seu protagonismo; a mídia concretiza a mudança discursiva da cobertura do movimento de negativa para positiva, dividindo os participantes em dois grupos: “manifestantes pacíficos” e “vândalos”; a repressão policial age para inibir as ações desse último grupo”.

A quarta e última fase, seria do dia 21 aos dias seguintes, quando se perde o caráter nacional, mesmo com os protestos se efetuando em todos os cantos do Brasil. A repressão policial sempre fazendo-se presente e os jornais agora dando voz aos feridos e presos nesse processo. Há presença de uma fala mais tecnocrata sobre transporte público e das medidas que o governo estaria até então tendo perante os protestos (DE MELO; VAZ, 2018). Para Costa (2013), a mobilização se deu em sua grande parte via-internet:

A mobilização de usuários do Facebook e do Twitter, os dois sites de redes sociais mais acessados do Brasil, foi considerada uma das principais forças por trás das manifestações que atingiram todo o país durante o mês de junho. Na internet, tanto usuários experientes quanto iniciantes se tornaram organizadores, comentaristas e protagonistas dos protestos. (COSTA, 2013, *on-line*).

Com a insatisfação da população, cooptada por preceitos pós-políticos e ultra políticos como o “*nós contra eles*”, acrescido do conjunto do combate à corrupção durante o governo, efetuado pela hoje então conhecida Lava Jato no ano de 2014, tornaram o governo de Dilma Rousseff alvo de críticas e boicotes que desencadearam no processo de impeachment da presidenta no ano de 2016. Esse impeachment, que a olhos críticos é visto como um golpe difundido e corroborado pela grande mídia, a fim de defender os interesses do grande capital. É possível vislumbrar a queda de popularidade de Dilma é consequência das jornadas de junho:

Para o sistema político, a consequência mais imediata dos protestos foi a drástica e imediata redução na aprovação do governo da então presidente Dilma Rousseff (PT). Segundo o Datafolha, a presidente passou de 65% de aprovação em março para 30% no final de junho. (MENDES, 2018, *on-line*).

Seguindo esse pensamento, Fernandes (2019, p. 226-227) elucida que “um povo despolitizado não se sente representado por ninguém” e que “a lacuna de despolitização é, geralmente, o resultado de um mau posicionamento de confiança (ou desconfiança)”. Ainda nessa linha de pensamento, a desconfiança quando atrelada a pós-política, dá o aporte e os meios necessários para que figuras como Donald Trump e Jair Bolsonaro ascendam ao poder.

A visão pós-política na sociedade trouxe a possibilidade de torná-los a exceção à regra, a única opção viável, em outras palavras, ser o chamado *anti-establishment*. Fernandes (2019, p.228) provoca que “o problema ocorre quando figuras conseguem se estabelecer simbolicamente e discursivamente como anti-establishment quando estão inteiramente ligados a esse mesmo establishment”. Junho de 2013 acaba por ser um mês que ainda não teve seu fim.

4. A PÓS-POLÍTICA COMO TÁTICA DE CAMPANHA BOLSONARISTA

A fim de buscar elucidar o papel da pós-política enquanto tática da campanha presidencial de Jair Messias Bolsonaro durante a corrida presidencial de 2018, este item de estruturação surgiu. Para tanto, é necessário conceber que a política teve significados e conotações diversas ao longo da história por diferentes filósofos e pensadores. O que torna imprescindível trazer algumas das principais explicações sobre a origem da vida política para uma melhor compreensão da forma com que a política e a pós-política atuam na contemporaneidade.

Em um primeiro momento, a política é retratada a partir de um mito onde para cessar o estado de guerra, deuses escolhem um legislador, que cria leis e o governo, com ele nascendo a política. Esse mito serve a posteriori para Platão e para Cícero, enquanto um símbolo da política e atividade da razão (CHAUI, 2006). Já a partir do poeta grego Hesíodo, há a emergência da política enquanto necessidade da criação de regras e normas já não mais pelos deuses, mas por homens, pois sua vivência necessita de soluções que apenas os humanos podem encontrar (CHAUI, 2006).

O que leva por fim, até a teoria de Aristóteles, que trás um conceito diferente dos anteriores quando entende os seres humanos enquanto animais políticos, pois estes têm a capacidade do pensamento, além de serem sociais, os diferenciando dos animais. Assim, não necessitando de leis ou deuses como premissa para a política, sendo esta apenas consequência direta da existência humana (CHAUI, 2006).

A partir dessa contextualização é preciso compreender que a política atualmente tem como um ponto de partida o modo de produção capitalista e um avanço sistêmico do neoliberalismo ultrarreacionário, não só no Brasil, como no mundo. Também é preciso entender a democracia como “a única forma política que considera o conflito legítimo e legal, permitindo que seja trabalhado politicamente pela própria sociedade” (CHAUI, 2006, p. 404).

Em outras palavras, pode-se dizer que a democracia é a única forma de política atualmente que faz oposição aos preceitos despolitizantes na sociedade.

É relevante trazer que quando se trata da despolitização para Chauí e Nogueira (2007, p. 2020-21) esta age de duas formas distintas: "Uma expressa o afastamento das pessoas em relação à política e a desqualificação das práticas políticas. A outra expressa o surgimento, ainda difuso e errático, de politizações alternativas, que encontram nos indivíduos seu fulcro de ativação." Ambas as formas são bases fundantes da pós-política, em específico na sua funcionalidade e empregabilidade na sociedade brasileira.

Partindo de tal compreensão, o objetivo aqui exposto visou trazer mais a respeito da problemática e sua empregabilidade por Jair Messias Bolsonaro. Ao longo da pesquisa desenvolvida neste presente artigo, foram obtidos diversos resultados que responderam à questão levantada e que virão a ser expostos por meio de gráficos e citações para facilitar a compreensão.

Foi possível observar em todas as reportagens levantadas ao longo da pesquisa a presença de questões com cunho pós-político, o que torna a relevância desse artigo promissora. Em contraponto, escancara a absoluta despolitização em que se encontrava emaranhada a sociedade brasileira no ano de 2018. Se fazendo presente no meio de um processo de crise hegemônica. Para Fraser (2020, p. 36):

É como se massas de pessoas em todo mundo parassem de acreditar no senso comum reinante que sustentou a dominação política nas últimas décadas. É como se tivessem perdido a confiança na boa-fé das elites e buscassem novas ideologias, organizações e lideranças.

É possível compreender que o discurso empregado por Jair Bolsonaro está impregnado pela pós-política e como consequência “[...] se tornou um fenômeno eleitoral ao vencer a corrida presidencial filiado a uma legenda sem alianças formais com grandes partidos [...]” (MAZUI, 2018, *on-line*), mas ainda é necessário que seja elucidado de que forma ele se dispõem de tal recurso. Para tanto, como um todo, ele traz consigo falas que instigam boa parte de seus fiéis seguidores a replicar suas ideias e ideologias em nome de uma reivindicação por uma liberdade de expressão ilimitada.

O antigo presidente utilizava-se da pós-política para se eximir de culpa, se colocando como um mero benfeitor, cidadão de bem, que sofre nas mãos do “outro lado”, uma esquerda intolerante, como é possível vislumbrar no seguinte trecho retirado da amostra, onde consta a resposta do presidenciável aos jornalistas a respeito dos casos de violência por parte de seus seguidores:

O clima não está tão bélico assim e que os casos ocorridos até agora são isolados. Espero que não ocorram mais. Eu lamento, peço ao pessoal que não pratique isso, mas não tenho controle sobre milhões e milhões de pessoas que me apoiam. Agora, a violência vem do outro lado, a intolerância vem do outro lado. Eu sou a prova viva disso daí. (LIMA; OLIVEIRA; BETIM, 2018, on-line).

É possível observar que seu discurso muitas vezes atrela a questão da ultrapolítica e a guerra entre o nós *versus* eles, de forma intrínseca a pós-política. Um ponto importante de se trazer na leitura crítica dos recursos levantados é que a presença do tecnicismo que se dá enquanto lócus característico da pós-política também se fez presente nas propostas do então candidato à presidência, como é possível identificar no seguinte recorte do trecho jornalístico:

*[...] propostas apresentadas durante a campanha
[...] Redução do número de ministérios dos atuais 29 para cerca de 15, com cortes de cargos e fim das indicações políticas.
[...] Redução da carga tributária e desburocratização.
[...] Reforma política e o fim da reeleição.
[...] resgate do projeto das 10 medidas contra a corrupção. (MAZUI, 2018, on-line).*

Interessante refletir, que quando traz sobre o fim das indicações políticas e cortes de cargos, uma reforma política, este levanta o processo de apagamento do antagonismo político natural, já abordado no artigo, tornando o *fazer política* algo ruim, uma forma apolítica. Nesse processo, Bolsonaro busca mostrar-se enquanto um político que está para além da política, ao mesmo tempo a atrela a corrupção. Vende-se como um *outsider*, que visa apenas tornar as coisas possíveis buscando critérios técnicos e não mais políticos para tal, como é possível observar no seguinte trecho:

Não posso ser acusado de mergulhar o Brasil nessa situação de quase insolvência, por não entender do assunto, o presidente é um técnico não vai jogar bola, não vai entrar em campo, tem que ter discernimento, humildade e força para buscar soluções para os problemas, disse Bolsonaro, em sabatina no início de julho. (BRITO, 2018, on-line).

É intrigante pensar que “Bolsonaro conseguiu se apresentar como um *outsider* – embora seja deputado federal há 27 anos – e ainda catalisou um anseio da direita por muitos anos desprezado pelo sistema político e por quem se dedica a pensá-lo, além de ter sido o maior beneficiário do voto antipetista”². O que o torna parte do establishment, mesmo se opondo verbalmente ao longo de sua campanha ao mesmo, tentando transparecer como sendo antissistema e uma terceira via para quem estava insatisfeito com a esquerda e com o próprio

² FERRAZ, Lucas. Eleições 2018: **Como conservadorismo 'órfão' encontrou em Bolsonaro seu representante**. BBC News, 2018. Disponível em: Eleições 2018: Como conservadorismo 'órfão' encontrou em Bolsonaro seu representante - BBC News Brasil. Acesso em: 9 set. 2022.

establishment. Nesse processo, usufruindo da onda antipetista, da crise de representação na sociedade e dos escândalos de corrupção que vinham assolando os noticiários.

Outro ponto presente na tática pós-política utilizada foi que não obstante a utilização de uma roupagem de outsider, houve a presença do populismo como uma estratégia de campanha onde Jair Bolsonaro “[...] *adota artificialmente um discurso de outsider com tons claramente populistas—reflete uma preferência que já estava latente na população há algum tempo.*” (GONZALEZ-OCANTOS; PAVÃO, 2018, *on-line*).

Mas a pós-política vai para além de meros critérios tecnicistas, uma dita terceira via, no desprezo ao antagonismo, em acreditar e promover uma política sem política, que é o que vem à mente no primeiro momento em que o tema é abordado. Ela também se dá de forma despretensiosa na presença do moralismo, no ato de transformar preceitos naturais de qualquer processo democrático, como por exemplo, os direitos humanos e os movimentos sociais, em algo radical e extremo, e logo ruim para a sociedade.

A bandeira moralizadora do encaixamento em *cidadãos de bem*, inclui apenas aqueles que se adequam a ideologia e a crença reacionárias. Esses pontos estiveram fortemente presentes no discurso de Jair Bolsonaro em sua campanha presidencial em 2018, que baseava sua candidatura na propagação de discursos de ódio e fake news. Jair Bolsonaro quando tomou posse como presidente do Brasil, em 1º de janeiro de 2019,

[...] fez questão de reforçar, diante do Congresso Nacional, seu compromisso de “reerguer a pátria” pela perspectiva conservadora e cristã. Na fala de cerca de 10 minutos ao povo brasileiro, o então novo chefe de Estado recorreu às principais bases de sua campanha eleitoral para afirmar que “libertaria” o país de opressões, incluindo, segundo ele, a “ideologia de gênero”. (FIGUEIREDO; MALVEZZI, 2022, on-line).

Para Bolsonaro os direitos humanos são o grande motivo da violência estar crescendo, pois o *cidadão de bem* estaria desarmado e os bandidos não. Esboçando que “*Conosco não haverá essa politicagem de direitos humanos. Essa bandidada vai morrer porque não enviaremos recursos da União pra eles.*” (BIANCHINI, 2018, *on-line*). Os direitos humanos e os movimentos sociais viriam a ser uma forma de abraçar uma “ditadura do politicamente correto”, visão social que Bolsonaro se mantém veementemente contra.

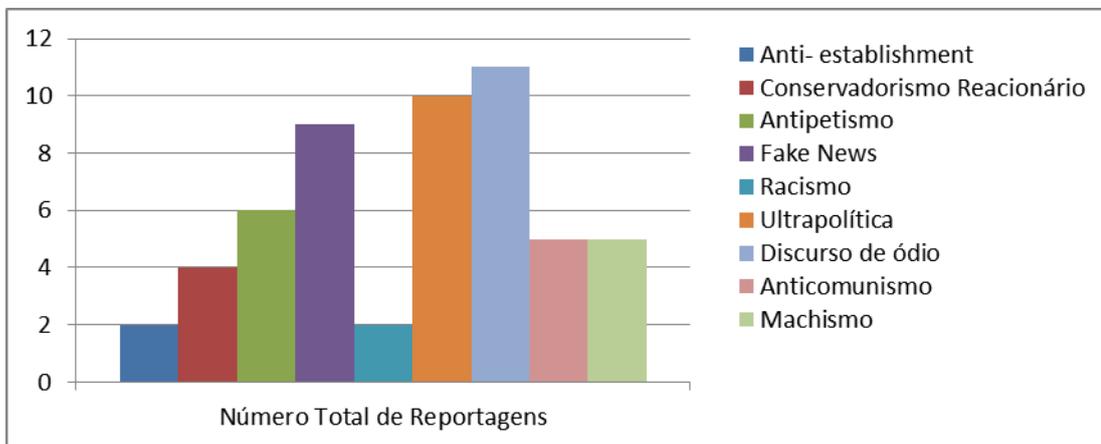
Também é possível trazer que não era apenas a luta por direitos humanos os motivadores de tal problemática em sua visão, visto que ele ainda aborda o Movimento dos

Trabalhadores Rurais Sem Terra Social (MST), trazendo que “[...] os integrantes do MST são bandidos. As ações deles têm que ser tipificadas como terrorismo”³.

Apesar de transformar a esquerda, comunistas e a todos seus opositores em intolerantes em suas falas, a contradição se faz presente a todo o momento. Tendo em vista, que o mesmo fala em minorias se curvando, além da propagação de racismo, LGBTfobia, machismo e intolerância religiosa em sua fala quando diz que “*Nós somos um país cristão! Deus acima de tudo. Essa historinha de Estado Laico, não! É Estado cristão! E as minorias que se curvem!*” (BIANCHINI, 2018, on-line) e que “*O objetivo de um Estado laico é “tirar a cultura judaico-cristã das escolas” e doutrinar crianças.*” (BIANCHINI, 2018, on-line).

A partir do questionamento central do estudo, foi possível observar o surgimento de algumas questões de caráter emergente, que se mostraram atreladas à presença da pós-política nas reportagens e por consequência na sociedade como a conhecemos. Questões que muitas vezes retroalimentam a pós-política e vice-versa, podendo-se observar sua presença, de forma simplificada na figura a seguir:

Gráfico 1 – Manifestações da pós-política⁴



Fonte: Sistematização da autora, 2023

Apesar da presença de diversas categorias, as que mais se fizeram presentes foram a ultrapolítica, o discurso de ódio e as fakes news. Dando margem para a compreensão de que o

³ FERNANDES, Leonardo. **Bolsonaro ataca os pobres, nega o inegável e mente no Roda Viva**. Brasil de Fato, 2018. Disponível em: [Bolsonaro ataca os pobres, nega o inegável e mente no Roda | Política \(brasildefato.com.br\)](https://brasildefato.com.br). Acesso em: 11 set. 2022.

⁴ Foram escolhidas as categorias mais incidentes nas reportagens para estarem representadas no gráfico.

uso de fake news durante a corrida presidencial foi de suma importância e usada de forma constante na campanha do então candidato à presidência na época.

Importante ressaltar que as fakes news são um meio de propagação do discurso de ódio utilizado durante todo processo de eleição contra as minorias, movimentos sociais e a todos que não compartilhavam de sua visão de mundo, utilizando da ultrapolítica para torná-los inimigos e culpados pelos males do país.

5. A PÓS-POLÍTICA COMO O FIO CONDUTOR PARA A DESMOCRATIZAÇÃO NO BRASIL

É preciso começar falando que as democracias hoje em dia vêm colapsando de uma forma ainda mais complexa e traiçoeira, o seu retrocesso atualmente vindo a ter seu começo nas urnas (LEVITSKY; ZIBLATTL, 2018). Para além da presença da despolitização enquanto tática utilizada por Bolsonaro, a assimilação desse discurso por parte da população acaba por ser o fio condutor no processo de desmocratização de uma nação, possibilitando a instauração e perpetuação do bolsonarismo na sociedade brasileira a partir das eleições de 2018.

Mouffe (2015, p.13), afirma que “apesar daquilo que muitos liberais nos querem fazer acreditar, a especificidade da política democrática não é a superação da oposição nós/eles, mas a forma diferente pela qual ela se estabelece”. Tornando o uso da pós-política enquanto uma tática eleitoral e a cooptação dela e de outras questões emergentes/interconectadas presentes na população, onde a ultrapolítica é um dos pilares no processo de derrocada da democracia e por consequência, da instauração do bolsonarismo no país.

No trecho a seguir, apresenta-se uma característica central da pós-política, denominada como terceira-via:

Buscando se descolar da sua longa e inexpressiva carreira na política, Bolsonaro conseguiu encarnar o espírito de renovação caro a muitos brasileiros. Somou a isso uma retórica autoritária e inflamatória que ecoou como nenhuma outra em um sistema devastado pela maior operação contra a corrupção do mundo. (GONZALEZ-OCANTOS; PAVÃO, 2018, on-line).

A presença da despolitização e da pós-política, vem como parte do processo de retrocesso da democracia vivenciado nos últimos anos, não só com Jair Bolsonaro no Brasil a partir das eleições de 2018 e 2022, ou até das Jornadas de Junho de 2013, mas também como um processo que vem se intensificando e se propagando de forma global. Sendo que, “Até

2015, os índices para avaliar a democracia no Brasil viviam uma estabilidade. Mas, na segunda metade da década e principalmente a partir de 2018, todos os critérios sofreram abalos” (CHADE, 2021, *on-line*), esse “se tornando o quarto maior retrocesso democrático no mundo entre 2010 e 2020” (CHADE, 2021, *on-line*).

É preciso ter em mente, que mesmo a democracia tendo nascido com a perspectiva de eliminar o poder invisível e tornar transparente as ações do governo (BEHRING; BOSCHETTI, 2009), na prática, esse processo não se dá dessa forma, em especial na conjuntura brasileira fomentada pela ofensiva neoliberal ultrarreacionária. Afinal, a democracia cooptada pelos interesses (despolitizados) da burguesia se torna um instrumento para a manutenção da hegemonia e do status quo.

Como trás Fernandes (2019, p.115-16) “[...] a democracia liberal burguesa oferece normas de negociação entre consentimento e coerção (assim mantendo sua hegemonia) que são executadas na prática a partir das necessidades e desejos dos que governam”. De forma a ser um processo que auxilia no retrocesso do conceito de democracia esperado por parte da sociedade, quando os que governam estão com os pensamentos alinhados com uma perspectiva conservadora, neoliberal e que se utiliza da pós-política para permear essas ideologias, como é o caso do Bolsonarismo nas eleições de 2018 como é possível ver a seguir:

O apoio à democracia caiu sete pontos, a 62% desde sua posse, os indiferentes ao formato de Governo aumentam enquanto se mantém em 12% a porcentagem dos que acreditam que em certas circunstâncias a ditadura é melhor, de acordo com a pesquisa do Datafolha divulgada no Ano Novo. (GORTÁZAR, 2020, *on-line*).

Finalmente chegando ao ponto focal onde a forma de despolitização aqui retratada acaba por ser uma forma de moralização do político (MOUFFE, 2015) onde o antagonismo, natural, da política democrática é apagado (FERNANDES, 2019) que quando utilizado e internalizado auxilia no processo de uma política antidemocrática no país. Exemplificação disso é quando propaga ao longo de sua campanha as seguintes ideias:

Bolsonaro defendeu a militarização do ensino, citando exemplo de colégios militares, onde as crianças são “revistadas periodicamente, cantam o hino nacional e têm aula de educação moral e cívica”. O candidato também defendeu os governos militares da ditadura, dizendo que “aquela foi uma época maravilhosa”. (BIANCHINI, 2018, *on-line*).

A intervenção militar foi promovida como uma forma de o Estado erradicar a corrupção, temática levada em consideração de forma extrema pelos eleitores que votaram nas

eleições de 2018. Sendo uma evidência da pós-política agindo. Pois o trecho de uma das reportagens levantadas do El País (2018) trouxe que:

Apesar de haver pouca evidência de que os brasileiros tenham ficado menos tolerantes com a corrupção ou menos cínicos, nossos achados sugerem que os eleitores tenham assumido atitudes mais duras em relação à política. A cruzada anticorrupção pode ter desencadeado uma avalanche de eleitores furiosos dispostos a punir a classe política preferindo candidatos com discurso combativo em relação a ela. (GONZALEZ-OCANTOS; PAVÃO, 2018, on-line).

Ao longo das reportagens foi possível perceber que a visão pós-política da sociedade foi imbuída pelo eleitorado de Bolsonaro, mas que este nega qualquer participação em episódios, ainda mais recorrentes, que empregam o ódio e a violência, tornando latente o processo de mitigação da democracia. Como é possível ver no trecho a seguir de uma reportagem da BBC de 2018:

Faltando pouco mais de duas semanas para a votação do segundo turno, o acirramento dos ânimos e as discussões sobre as eleições à Presidência do Brasil extrapolaram as redes sociais. Nos últimos dias, tem crescido o número de relatos sobre episódios de violência e agressões verbais ou físicas ocorridas em diversos Estados. (COSTA; SOUZA; IDOETA, 2018, on-line).

No entanto, o presidencialável rebate a afirmação que suas declarações tenham um papel ou dariam qualquer base para violência no país quando disse que *“Eu lamento, peço ao pessoal que não pratique isso, mas não tenho controle sobre milhões e milhões de pessoas que me apoiam.”* (LIMA; OLIVEIRA; BETIM, 2018, on-line).

Ao mesmo tempo em que usa do artifício pós-político para não se imbuir de qualquer culpa, este a faz recair na oposição quando diz *“Olha o Lula, o Lula defende ladrões de celular, que é para tomar uma cervejinha. Aí está claro que ele está estimulando roubo de celular”*⁵. A forma pós-política e ultrapolítica de despolitização estão presentes nesses trechos, pois ao mesmo tempo em que retira a política e desconsidera o poder do seu discurso, conjura o ódio contra os adversários, os colocando como o grande mal a ser combatido para uma sociedade mais próspera, segura e principalmente, democrática.

Quando se trata do reconhecimento da população perante discursos inflados e que corroboram de forma assertiva para o processo desmocratização, é interessante atribuir uma reflexão crítica, onde os sujeitos são cooptados muitas vezes sem perceber. Tendo em vista

⁵ PETISTA morto por bolsonarista: 6 vezes em que violência política pode ter sido estimulada em discursos. **BBC News**, 2022. Disponível em: Petista morto por bolsonarista: 6 vezes em que violência política pode ter sido estimulada em discursos - BBC News Brasil. Acesso em: 17 out. 2022.

que “poucas formas de discurso oral são mais bem conhecidas, rotineiramente citados ou distribuídos de modo tão amplo nos meios de comunicação de massa como o discurso dos políticos de maior destaque, tais como presidentes ou primeiros-ministros.” (DIJK, 2018, p.71).

Partindo desse pensamento, é possível estabelecer uma grande abrangência na propagação dos discursos de candidatos à presidência durante uma campanha eleitoral, como o ex-presidente Bolsonaro ao longo de seu pleito. De modo que, “*A desconfiança que o candidato tem com relação a quase tudo parece contagiar seus seguidores.*” (BENITES, 2018, *on-line*).

Por isso, não se surpreende que eleitores repassem ideias e ideologias que partem de um viés despolitizado e conservador, que deem vazão a ideais que podem, ou não, serem pré-concebidos. Isto posto, “*O candidato passou para o segundo turno com quase 50 milhões de votos adotando um discurso de extrema direita que parece influenciar os atos de uma parcela mais radical de seus eleitores*” (LIMA; OLIVEIRA; BETIM, 2018, *on-line*).

É preciso considerar que muito do que foi compartilhado em canais de comunicação do ex-presidente tinham a presença de fake news, com características pós-políticas já elencadas ao longo do artigo. Sendo esses meios de comunicação uma “*Difusão de mentiras camufladas como notícias, vídeos que tentam desmentir publicações negativas da imprensa, desconfiança das pesquisas e falsos apoios de celebridades à candidatura Jair Bolsonaro.*” (BENITES, 2018, *on-line*). Características que se opõem veementemente a uma visão democrática da sociedade e da própria política.

Outro trecho de reportagem que enfatiza essa oratória é que “*Além da mobilização dos voluntários, a própria campanha de Bolsonaro distribuiu ela mesma informações falsas, como a de que códigos das urnas eletrônicas foram passados à Venezuela ou mentiras a respeito da mobilização de mulheres.*” (BENITES, 2018, *on-line*).

Deixa estabelecido que para além de originar falsas narrativas e informações incorretas a respeito das mais diferentes temáticas, estas narrativas também são replicadas, visando desacreditar os processos democráticos, como mobilizações políticas e o questionando o próprio processo democrático advindo do voto por meio das urnas eletrônicas.

Para além das fakes news, a forma como é dada às relações também precisa ser observada. “O poder social é geralmente indireto e age por meio da “mente” das pessoas, por exemplo, controlando as necessárias informações ou opiniões de que precisam para planejar ou executar suas ações.” (DIJK, 2018, p.41-42). Com isso, cada informação despolitizada e

carregada de preceitos pós-políticos tem fundamentos pensados *a priori* de sua disponibilização por meio do discurso.

Outra forma de abordar isto, é que desde o modo com que é repassada a ideia, até a ideia em si trazem significados previamente elaborados para obter determinados resultados. Destarte “*A verborragia nas declarações e o jeito simples galvanizam ardorosos apoiadores que celebram o deputado Jair Bolsonaro (PSL-RJ) como “mito” e o defendem nas ruas e nas redes sociais [...].*” (BRITO, 2018, *on-line*). Esse contexto dado a corrida eleitoral impulsionou eleitores na compra de narrativas antidemocráticas.

O medo sentido por minorias foi um ponto central nas reportagens, se levado em conta o que já foi abordado nesse artigo a respeito dos direitos humanos, que são a base para qualquer democracia, é visto que Jair Bolsonaro não se propõe a defendê-los, usando um discurso de ódio para abordá-lo. Por isso, “*O medo tornou-se um sentimento comum entre muitos cidadãos pertencentes à comunidade negra, LGBTQ e outras minorias atacadas por Bolsonaro em inúmeras ocasiões —agora, na reta final da campanha, ele negou as ofensas, que estão registradas em vídeos.*” (LIMA; OLIVEIRA; BETIM, 2018, *on-line*).

O candidato à presidência em 2018, atacava a democracia por meio do enaltecimento da ditadura militar, da mesma forma que agredia as instituições e as esferas de poder do país. Ademais, tem “[...] declarações racistas e misóginas, assim como já disse: ‘*Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí.*’” (LIMA; OLIVEIRA; BETIM, 2018, *on-line*). O que dá vazão ao medo de todos aqueles que não entram no conceito de cidadãos de bem, cidadãos que vivam de forma harmoniosa com sua visão ideológica.

Sendo que um retrato desse medo colocado em prática por seguidores do presidente durante a corrida eleitoral foi que “*Três dias antes das eleições, viralizou nas redes sociais um vídeo em que um grupo de homens [...] entoavam um cântico homofóbico no metrô de São Paulo: “Ô bicharada, toma cuidado, o Bolsonaro vai matar veado”.*” (LIMA; OLIVEIRA; BETIM, 2018, *on-line*). Deixa em evidência o sentimento de legitimação sentido por parcela do eleitorado de Bolsonaro com seu discurso, este carregado de conceitos antidemocráticos e despolitizantes que acabaram por fazer possível Jair Messias Bolsonaro ganhar as eleições em 2018.

6. UMA COMPARAÇÃO NECESSÁRIA: As campanhas eleitorais de 2018 e 2022 sob a ótica da despolitização

A pesquisa também se deteve em vislumbrar a forma com que as estratégias de despolitização, em conjunto de outras categorias do *modus operandi* do bolsonarismo se fizeram presentes como táticas eleitorais e que continuaram a serem utilizadas no governo Bolsonaro até as eleições no ano de 2022.

Seguindo esse pensamento, é necessário conceber que a práxis para além de uma prática da dialética é uma condição que vem *a priori* do livre exercício das potencialidades humanas (FERNANDES, 2019), sendo elas, políticas, econômicas ou sociais. Assim, em outras palavras, esta auxilia a partir da teoria e da prática a transformação conjunta da sociedade e do ser humano.

Para falar de despolitização é preciso apreender que a crise de práxis enfrentada pela sociedade desde junho de 2013. Ou seja, é de suma importância ter em vista que a política nem sempre é um ato politizado e a pós-política é uma expressão do sintoma mórbido da despolitização, quando há uma crise de práxis, está que vai contra a politização (FERNANDES, 2019). Nesse sentido:

Se a despolitização representa um grande desafio em uma sociedade de unidimensionalidade, então se deve entender que politizar não pode significar, simplesmente, trazer uma forma nova e crítica de política para o povo, mas incluir as pessoas como atores do fazer político. (FERNANDES, 2019, p. 60).

Por conseguinte, as duas campanhas eleitorais instigam a necessidade de um olhar mais atento e crítico, quando se trata da despolitização envolvida em seu processo por parte da sociedade e da classe política, nesse caso em específico do ex-presidente Bolsonaro.

Assim, durante a análise das reportagens foi possível vislumbrar que o uso da pós-política continuou se fazendo presente durante as eleições de 2022. A pós-política se utiliza de um artifício interessante, onde há a presença de contradições. Bolsonaro utilizou-se dessa dubiedade ao longo do seu mandato até as eleições de 2022, principalmente, quando focado em falar sobre a utilização e escolhas de ministros e partes integrantes do seu governo enquanto critérios puramente técnicos.

Nessa perspectiva, assim que assumiu o cargo, em 2018, escolheu seus ministros por “critérios técnicos” e sem “ingerência política” ao mesmo tempo exprimindo em seu discurso que após colocar Ciro Nogueira como ministro da Casa Civil “[...] *melhorou bastante a conversa*” com o Congresso. “*O ministro anterior era uma excelente pessoa, mas não tinha*

esse traquejo, não sabia como funcionava o Parlamento. O erro talvez tenha sido não dar uma pitada a mais de política em um ou outro ministério” ⁶.

A pós-política tende a não apenas ditar a política, mas também esvaziar debates e questões em prol da ordem hegemônica vigente. De modo a colocar o antagonismo natural da política como algo que é radical e extremo, enquanto concomitantemente nega a existência destes mesmos conceitos. Torna nesse processo ambíguo em oposição ao que considera como uma “ditadura do politicamente correto” que deve ser evitada e repreendida a qualquer custo em prol de uma sociedade mais “tolerante”. (FERNANDES, 2019).

No início de seu mandato reiterou que:

[...] a ideologia e os perigos do adversário vermelho seriam lembrados novamente, quando o presidente eleito se dirigiu ao público que tomou as ruas da capital para seguir a cerimônia de posse. “É com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como presidente do Brasil. E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto.” ⁷

Sua visão pós-política sobre as lutas de minorias e bandeiras tidas como de esquerda continuaram a aparecer, inclusive nos meios on-line de comunicação, como é possível identificar a seguir:

As lutas antiLGBTfobia, sob o guarda-chuva da “ideologia de gênero”, aparecem nas publicações como promotoras do “homossexualismo”, da promiscuidade, da sexualização precoce de crianças, da imposição da ideia de que não existe diferenciação entre o masculino e o feminino. Há ainda associação ao crime de pedofilia. Nesse contexto, o combate à discriminação e ao preconceito são distorcidos e propagados como algo semelhante a uma “inversão de valores”. (FIGUEIREDO; MALVEZZI, 2022, on-line).

Um ponto interessante de se refletir, é como os pensamentos e discursos de ódio que perpetuam preceitos hegemônicos neoliberais e pós-políticos na atualidade promovem um aprofundamento da criminalização das lutas e dos movimentos sociais. Como trás Fraser (2020), se não se lutar contra o discurso neoliberal ultra-reacionário haverá ainda mais imergência dos trabalhadores em “ódios nascidos do ressentimento e expressos em bodes

⁶ BIMBATI, Ana Paula. **Bolsonaro engana ao dizer que escolheu ministros por critérios técnicos**. UOL, 2022. Disponível em: [Bolsonaro engana ao dizer que escolheu ministros por critério técnico \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br). Acesso em: 20 out. 2022.

⁷ BENITES, Afonso; GORTÁZAR, Naiara Galarraga; COLETTA, Ricardo Della. **Bolsonaro**: “O Brasil começa a se libertar do socialismo, e do politicamente correto”. El País, 2019. Disponível em: [Posse presidencial: Bolsonaro: “O Brasil começa a se libertar do socialismo, e do politicamente correto” | Brasil | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](https://www.elpais.com). Acesso em: 16 out.2022.

expiatórios; em surtos de violência seguidos de arroubos de repressão; em um mundo perverso, onde as solidariedades se contraem até o desaparecimento.” (FRASER, 2020, p.69).

Como forma de enfatizar essa visão pós-política, Jair Bolsonaro defendeu a aprovação do Projeto de Lei do Senado nº 272, de 2016, que “[...] *endurece a lei antiterrorismo sancionada com vetos pela ex-presidente Dilma Rousseff em 2016. A proposta enfrenta a oposição de partidos de esquerda e de movimentos sociais, que alegam que as mudanças coíbem o direito à livre manifestação.*” (SARDINHA, 2019, *on-line*).

Assim, a luta bolsonarista contra os movimentos sociais, em especial ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) continuou em sua agenda.

A lei em vigor classifica como terrorismo a prática de atos individuais ou coletivos “por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião”, com a finalidade de provocar terror social ou generalizado. O projeto de Lasier, relatado pelo senador Magno Malta (PR-ES) na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), inclui entre os atos terroristas aqueles praticados por “motivações políticas, ideológicas, sociais” e enquadra quem “coagir autoridade do poder público a adotar determinada conduta”. (SARDINHA, 2019, *on-line*)

Bolsonaro ainda coloca emissoras de televisão, nesse caso em específico a Globo, como um grande inimigo, que fomentaria o declínio da sociedade, tornando-a ideologicamente errada e amoral. Este traz que “[...] *a emissora pode até continuar promovendo perversidades como o aborto, as drogas, a ideologia de gênero, a inversão de valores e a destruição da família se assim desejar, só que não mais sustentada com rios de dinheiro público*” (FIGUEIREDO; MALVEZZI, 2022, *on-line*).

É importante salientar que emissoras de televisão, como a rede globo, foram fundamentais na formação da conjuntura sociopolítica presente nas eleições presidenciais, assim como no processo de fortalecimento da imagem de Jair Bolsonaro, tornando-o um candidato forte e com propostas e ideias difundidas com um alto alcance a diversas camadas da sociedade. Afinal, enquanto candidato à presidência promovia um discurso favorável à manutenção do status quo e da hegemonia da classe dominante, interessantes as grandes mídias e instituições privadas.

Outra característica da pós-política nas eleições de 2022 consistiu no ataque aos direitos humanos. O então presidente,

[...] distorceu o conteúdo do Programa Nacional de Direitos Humanos para atacar seu principal adversário na disputa eleitoral deste ano, em que tenta a reeleição. “Fui pra tribuna e denunciei o Decreto de 2009 do Lula que falava do PNDH-3. Falei aqui, desconstrução da heteronormatividade. A ideologia de gênero (...) era um

ataque frontal à família brasileira o PNDH-3. (FIGUEIREDO; MALVEZZI, 2022, on-line).

Outro fator preponderante da pós-política que continuou sendo usado até a última eleição foi a moralização da corrupção como uma:

[...] aposta de resgatar o sentimento antipetista e a luta anticorrupção, que foram essenciais para a vitória de Bolsonaro em 2018. O destaque de combate à corrupção foi inclusive destacado por Bolsonaro em seu discurso de abertura da 77.ª Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), quando declarou que seu governo “extirpou” a “corrupção sistêmica.”⁸

É preciso lembrar que diferente das eleições de 2018, o governo Bolsonaro agora também havia recebido denúncias de corrupção em 2022. Onde em seu governo “As obras viárias entregues pela estatal Codevasf, que está no centro do escoamento das emendas parlamentares - em troca de apoio político ao governo Bolsonaro - já colecionam defeitos, precariedades e superfaturamentos.” (ALESSANDRA, 2022, on-line).

A partir da conjuntura sociopolítica e econômica que se encontrava, “[...] diante de uma série de suspeitas, em maio deste ano Bolsonaro já havia adaptado seu discurso ao falar não haver nenhuma “denúncia consistente” em seu governo. Agora, menciona ausência só de “corrupção endêmica”.” (HOLANDA; CHAIB, 2022, on-line). A partir disso, Bolsonaro afirma que “[...] tem casos isolados que pipocam e a gente busca solução para isso.” (HOLANDA; CHAIB, 2022, on-line).

É interessante trazer também que nas eleições de 2022, observou-se o jogo de cintura do ex-presidente Bolsonaro sobre os casos de corrupção em seu governo:

[...] de acordo com integrantes da pré-campanha de Bolsonaro, pesquisas internas do PL têm mostrado que a corrupção não é, atualmente, um fator preponderante no debate para os eleitores na hora do voto. Eles passaram a defender que a principal preocupação no país é com temas como fome, combustíveis e inflação. Dessa forma, há menos apelo ao fato de o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e de ex-ministros petistas como José Dirceu terem sido presos na Lava Jato. (HOLANDA; CHAIB, 2022, on-line).

Durante a corrida presidencial de 2022, houve uma vasta propagação de fake-news e de pós-verdades, “filhos e aliados próximos do presidente Jair Bolsonaro foram peça-chave no compartilhamento a milhões de brasileiros de desinformação sobre perseguição a cristãos

⁸ COSTA, Rodolfo. **Porque a estratégia de Bolsonaro de mostrar a corrupção do PT não tem tido o efeito desejado.** Gazeta do Povo, 2022. Disponível em: Estratégia de Bolsonaro de mostrar corrupção do PT teve pouco efeito (gazetadopovo.com.br). Acesso em: 12 out. 2022.

durante a campanha eleitoral.” (BRAUN, 2022, on-line). Estes indivíduos propagaram “mensagens que usavam o temor de perseguição para “demonizar” adversários como Lula e Ciro Gomes.” (BRAUN, 2022, on-line). De forma a continuar atrelando valores morais e religiosos à política.

Jair Bolsonaro continuou utilizando do populismo como estratégia de campanha. Afinal, *“com a popularidade em queda livre, a grave crise econômica e o desgaste provocado pela CPI da Covid, o presidente Jair Bolsonaro partiu de vez para a campanha eleitoral antecipada e tem buscado medidas populistas para tentar um segundo mandato.”*⁹ O problema aqui, não é o uso do populismo por um presidente, mas sua utilização enquanto estratégia de campanha.

O problema é ter o populismo como estratégia, quando essa flexibilização substitui critérios de programa partidário e de projeto de sociedade (utopia). Aí, sim, há um problema que, se baseado em preencher significantes esvaziados com significados demasiadamente vagos ou flexíveis, pode acabar contribuindo para o estado geral de despolitização. (FERNANDES, 2019, p.252).

Como forma de fechar esse item estrutural, há a exemplificação da artimanha de utilizar o populismo para realizar a queima de reservas da Caixa Econômica Federal na reta final do governo e durante a corrida eleitoral para a liberação de recursos para empréstimos.

Nesse sentido, *“O agronegócio e o público de baixa renda foram os principais beneficiados pelo aumento de crédito. Os dois grupos estavam no radar eleitoral de Bolsonaro.” (ROSSI, 2023, on-line). Foi liberado para o Auxílio Brasil (programa conhecido como Bolsa Família) de “R\$ 7,6 bilhões em apenas 20 dias, entre o primeiro e o segundo turno.” (ROSSI, 2023, on-line).*

O uso da pós-política continuou se apresentando de forma intensa e diversificada no discurso de Jair Bolsonaro ao longo de seu mandato, até as eleições de 2022. Tornando imprescindível, a apreensão das questões levantadas para melhor compreender a despolitização e o uso da pós-política enquanto categorias presentes na sociedade brasileira.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu entender a despolitização advinda da pós-política, enquanto meio viabilizador para a instauração do Bolsonarismo nas eleições brasileiras de 2018, para

⁹ SOARES, Ingrid; MEDEIROS, Israel; PATRIOLINO, Luana. **Bolsonaro busca medidas populistas para conseguir reeleição.** Correio Braziliense, 2021. Disponível em: Bolsonaro busca medidas populistas para conseguir reeleição (correio braziliense.com.br). Acesso em: 20 out. 2022.

assim, buscar auxiliar no preenchimento da lacuna de produções do Serviço Social a respeito da pós-política na sociedade.

Nesse sentido, o presente artigo procurou ser um meio de promoção de direitos, fortalecimento da democracia no Brasil e na atuação de forma mais assertiva nas expressões da Questão Social presentes na conjuntura do país.

Para atingir o objetivo de apreender o papel que a despolitização advinda da pós-política desempenhou na instauração do bolsonarismo na eleição presidencial de 2018, houve a delimitação de objetivos específicos que visaram construir um arcabouço teórico-empírico, por meio da compilação e análise de reportagens publicadas pela mídia nacional.

A análise do comparativo das táticas pós-políticas usadas por Jair Messias Bolsonaro tanto nas eleições de 2018, quanto nas eleições de 2022, permitiu compreender que o uso desse tipo de despolitização se fez presente em 2018 e continuou sendo utilizada em 2022.

Como consequência, deixou um rastro pós-político e despolitizado pela sociedade brasileira. Sendo exemplos: o uso do tecnicismo, a moralização da política e da corrupção e na ingerência da transformação de movimentos sociais e de direitos humanos como bandeiras de esquerda que pela ótica bolsonarista afetam a segurança e a prosperidade da vivência dos sujeitos no Brasil por serem identificadas como conteúdos “politicamente corretos”.

Verificou-se que a cooptação de parte da sociedade brasileira, aconteceu a partir da legitimação do discurso do ex-presidente que foi reverberado por diferentes meios de comunicação, durante a corrida presidencial de 2018. Arelado à difusão de fake news e a um discurso autoritário e inflamado que deu vassão a uma perspectiva pós-política e despolitizada na sociedade brasileira, tão cara ao processo democrático.

A despolitização e pós-política tiveram um papel fundamental na corrida presidencial de 2018, permitindo que seu uso enquanto tática de campanha por Jair Bolsonaro, dê-se subsídios para cooptar a atenção e o voto de boa parte do eleitorado nesse dado momento histórico.

É possível aferir que partindo de um discurso despolitizado e despolitizante ao longo da corrida eleitoral de 2018, Jair Bolsonaro conseguiu se promover enquanto a opção mais viável para a defesa dos interesses dos brasileiros. Para além disso, o seu discurso com preceitos pós-políticos se dava de forma abrangente e intensificada por disparos em massa de fake news, que endossaram um processo de desmocratização no Brasil e instauração do bolsonarismo.

Como forma de concluir, é preciso deixar posto que até o dado momento, a necessidade da ampliação de pesquisas acadêmicas sobre a temática, em especial pelo Serviço

Social, com o objetivo de trazer mais contribuições que venham ao encontro da obtenção de conhecimentos que auxiliem na proteção da democracia no país e possa instigar a uma práxis revolucionária na sociedade. Sendo o levantamento de dados e o debate aqui começado ainda incipientes é imprescindível compreender os fenômenos que surgiram na sociedade brasileira a partir de 2013, para que a ultrapolítica não seja uma realidade concreta para democracia no Brasil e comando da nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOLESCENTES Mais Influentes 2015. **Time**, 2015. Disponível em: Adolescentes Mais Influentes 2015 | Hora (time.com). Acesso em: 15 mai. 2023.

ALESSANDRA, Bruna. **Entregue ao Centrão, Codevasf coleciona suspeitas de corrupção em obras**. Revista Fórum. 2022. Disponível em: Entregue ao Centrão, Codevasf coleciona suspeitas de corrupção em obras | Revista Fórum (revista forum.com.br). Acesso em: 12 mar. 2023.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: fundamentos e história**/Elaine Rosseti Behering, Ivanete Boschetti. 6ª edição - São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca Básica de serviço social: v.2)

BENITES, Afonso. **A máquina de ‘fake news’ nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp**. El país, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html. Acesso em: 15 set. 2022.

BIANCHINI, Lia. **Bolsonaro é fascista? Listamos 13 frases do candidato para reflexão**. Brasil de Fato, 2018. Disponível em: Bolsonaro é fascista? Listamos 13 frases do candidato para | Geral (brasildefato.com.br). Acesso em: 25 set. 2022.

BRASIL. **Lei Nº 9.610**, de 19 de Fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, 1998. Disponível em: L9610 (planalto.gov.br). Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado nº 272**, de 16 de março de 2016. A fim de disciplinar com mais precisão condutas consideradas como atos de terrorismo. Brasília, 2016. Disponível em: documento (senado.leg.br). Acesso em: 15 mai. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 07 de Abril de 2016. 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2022.

BRAUN, Julia. **Eleições 2022: fake news sobre perseguição a evangélicos** chegam a milhões via filhos e aliados de Bolsonaro BBC News, 2022. Disponível em: Eleições 2022: fake news sobre perseguição a evangélicos chegam a milhões via filhos e aliados de Bolsonaro - BBC News Brasil. Acesso em: 15 out. 2022.

BRITO, Ricardo. **Visto como "mito" por seguidores, Bolsonaro é criticado por discriminação**. Exame, 2018. Disponível em: Visto como "mito" por seguidores, Bolsonaro é criticado por discriminação | Exame. Acesso em: 26 set. 2022.

CARNOY, Martin. **Estado e Teoria política**. (equipe de trad. PUCCAMP) 2ª ed. Campinas: Papyrus, 1988.

CHADE, Jamil. **Brasil sofre 4º maior retrocesso democrático no mundo na década, diz estudo**. UOL, 2021. Disponível em: Brasil sofre 4o maior retrocesso democrático no mundo na década, diz estudo - 10/03/2021 - UOL Notícias. Acesso em: 5 mai. 2023.

CHAUÍ, Marilena; NOGUEIRA, Marco Aurélio. **O pensamento Político e a Redemocratização do Brasil**. Lua Nova, São Paulo, 71: 173-228, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13ª ed. São Paulo, Ática, 2006.

COSTA, Camilla. **Brasileiros 'descobrem' mobilização em redes sociais durante protestos**. BBC News Brasil. 2013. Disponível em: Brasileiros 'descobrem' mobilização em redes sociais durante protestos - BBC News Brasil. Acesso em: 19 abr.2023.

COSTA, Camilla; SOUZA, Felipe; IDOETA, Paula Adamo. **Eleições 2018: Semanas antes do segundo turno, denúncias de agressões se espalham pelo país**. BBC News Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45826628>. Acesso em: 20 mai. 2023.

DE MELO, Cristina Teixeira Vieira; VAZ, Paulo Roberto Givaldi. **E a corrupção coube em 20 centavos**. Galáxia (São Paulo) (39) • Sep-Dec 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-255434843>. Acesso em: 31 nov. 2022.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. ed. 14. São Paulo: Cortez, 2011.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. 2. ed. 4ª impressão. São Paulo: Contexto, 2018.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos: A Encruzilhada da Esquerda Brasileira**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FIGUEIREDO, Camila.; MALVEZZI, Paulo. **'Ideologia de gênero': como o clã Bolsonaro usa internet para atacar LGBTI+**. Carta Capital, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ideologia-de-genero-como-o-cla-bolsonaro-usa-internet-para-atacar-lgbti/> DA9Ic2w&hl=pt-BR&source=gmail. Acesso em: 18 out. 2022.

FRASER, Nancy. **O Velho Está Morrendo e o Novo Não Pode Nascer**. Tradução: Gabriel Landi Fazzio. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 2002. Disponível em: http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em: 20 de set. 2021.

GONZALEZ-OCANTOS, Ezequiel; PAVÃO, Nara. **A luta contra a corrupção e as eleições no Brasil**. El País, 2018. Disponível em: A luta contra a corrupção e as eleições no Brasil | Opinião | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em: 28 mar. 2023.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. **Bolsonaro acelera deterioração da democracia no Brasil**. EL PAÍS Brasil. 2020. Disponível em: Bolsonaro acelera deterioração da democracia no Brasil | Brasil | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em: 12 mar. 2023.

HOLANDA, Mariana; CHAIB, Julia. **Campanha de Bolsonaro deixa tema da corrupção em 2º plano após escândalo no MEC**. Gazeta de S. Paulo, 2022. Disponível em: Campanha de Bolsonaro deixa tema da corrupção em 2º plano após escândalo no MEC - Gazeta de São Paulo (gazetasp.com.br). Acesso em: 19 out. 2022.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquale. **Dicionário gramsciano (1926-1937)**, Boitempo, 2009.

LIMA, Béa; OLIVEIRA, Joana; BETIM, Felipe. **Morte, ameaças e intimidação: o discurso de Bolsonaro inflama radicais**. El País, 2018. Disponível em: Morte, ameaças e intimidação: o discurso de Bolsonaro inflama radicais | Brasil | EL PAÍS Brasil (elpais.com). Acesso em: 12 set. 2022.

MARTELLO, Alexandre. **Queda do ‘spread’ bancário é determinação de Dilma, diz Tombini**. G1, Brasília, 2012. Disponível em: <http://glo.bo/wq6qzP>. Acesso em: 13 de maio de 2023. Acesso em: 30 jul. 2022.

MARX, Karl (1818-1883); ENGELS, Friedrich (1820-1895). **A Ideologia Alemã**. Tradução: Álvaro Pina, 2006. Disponível em: <Marx e Engels: A Ideologia Alemã (marxists.org)> Acesso em: 30 de julho de 2022.

MARX, Karl (1818-1883); ENGELS, Friedrich (1820-1895). **Manifesto do Partido Comunista**. 3. ed. São Paulo: Sundermann, 2017. 70 p. Disponível em: 01_Marx-Engels_Manifesto-Comunista_NOVO.pdf (pstu.org.br). Acesso em: 11 mai. 2023.

MARX, Karl (1818-1883). **Para a Crítica da Economia Política**. Tradução: José Barata-Mouro. Avante!. 2007. Disponível em: Para a Crítica da Economia Política (marxists.org). Acesso em: 14 mar. 2023.

MAZUI, Guilherme. **Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT**. G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2022.

MENDES, Vinícius. '**Junho de 2013 é um mês que não terminou**', diz socióloga. BBC News Brasil, 2018. Disponível: 'Junho de 2013 é um mês que não terminou', diz socióloga - BBC News Brasil. Acesso em: 22 abr. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: Consensos e Controvérsias**, Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, 2017. Disponível em: https://moodle.unipampa.edu.br/moodle/pluginfile.php/656174/mod_resource/content/1/amos tra.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, *et al.* **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Editora Vozes, Petrópolis, 21ª ed. 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

ODILLA, Fernanda. **5 anos depois, o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013?**. BBC News Brasil. 2018. Disponível em: 5 anos depois, o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013? - BBC News Brasil. Acesso em: 17 abr. 2023.

ROSSI, Amanda. **Caixa queimou reservas na eleição e puxou o freio após derrota de Bolsonaro**. UOL. 2023. Disponível em: Caixa queimou reservas para emprestar mais em ano de eleição (uol.com.br). Acesso em: 3 jun. 2023.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie, *et al.* **Pesquisa Documental: Pistas Teóricas e Metodológicas**, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351/pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

SARDINHA, Edson. **Bolsonaro Defende Lei Antiterrorismo Vetada por Dilma e Temida por Movimentos Sociais**. UOL, 2019. Disponível em: Bolsonaro defende lei antiterrorismo vetada por Dilma e temida por movimentos sociais - Congresso em Foco (uol.com.br) . Acesso em: 10 mar. 2023.

SILVA, Alessandra Ximenes da, *et al.* **Pesquisa e Conhecimento da Realidade no Serviço Social**. Temporalis, Brasília, n.35. 2018. Disponível em: https://moodle.unipampa.edu.br/moodle/pluginfile.php/622024/mod_resource/content/1/Texto %201.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

TONET, IVO. **Método Científico: Uma Abordagem Ontológica** / Ivo Tonet. – 2. ed. – Maceió : Coletivo Veredas, 2016. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B0T0MiduVLIWRldsUzFMR2dhVWM/view?resourcekey=0--EU7A0ema2X9VuN54Jtycg>. Acesso em: 20 set. 2021.

VEJA quais deputados federais conseguiram se reeleger. **G1**, 2022. Disponível em: Veja quais deputados federais conseguiram se reeleger | Eleições 2022 | G1 (globo.com). Acesso em: 25 mai. 2023.